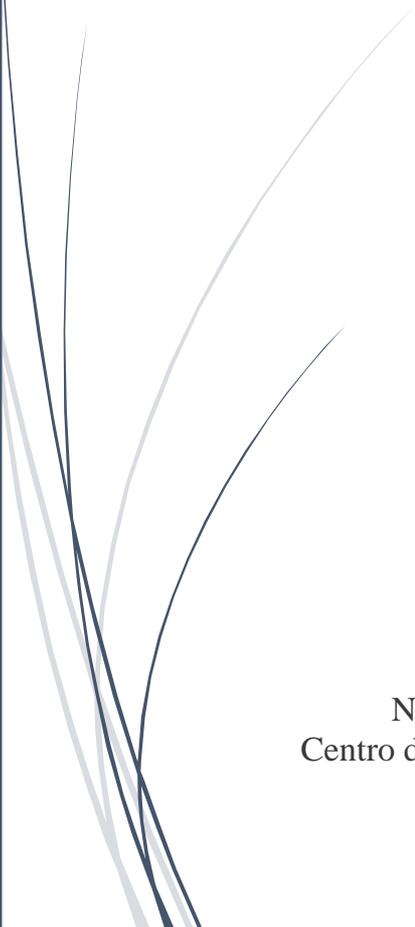




A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva
Fernando Bomfim Mariana
Maria da Conceição da Silva Freitas
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)
Universidade de Brasília (UnB)
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: www.ceam.unb.br

E-mail: nestra@unb.br

Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19
NO DISTRITO FEDERAL
coletânea de depoimentos e outros escritos

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – 4

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO – 7

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

CAPÍTULO 1: Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva

CAPÍTULO 2: O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

Ana Cláudia Costa Medeiros

CAPÍTULO 3: Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

Anita de Oliveira Ventura

CAPÍTULO 4: O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

Carla Micheline Campos da Silva

CAPÍTULO 5: Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

Débora A. Felipe

CAPÍTULO 6: Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

Edvaldo Medeiros de Souza

CAPÍTULO 7: Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

Fernanda Cavalcante e Keila Andrich

CAPÍTULO 8: O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

Hellen Andrade Lima

CAPÍTULO 9: Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

Ivanilde Silva

CAPÍTULO 10: A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

Jesica Barbosa Dantas

CAPÍTULO 11: Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

CAPÍTULO 12: A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva

CAPÍTULO 13: Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana

CAPÍTULO 14: Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva

CAPÍTULO 15: Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

Marina Cantanhêde Rampazzo

CAPÍTULO 16: O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

Maristela Pereira de Sousa Severo

CAPÍTULO 17: Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

Michele Miranda

CAPÍTULO 18: Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

Nádia Lopes dos Santos

CAPÍTULO 19: Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

CAPÍTULO 20: Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

Vera Lúcia Bezerra Cândido

CAPÍTULO 21: A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

Zenilda Martins

CAPÍTULO 16

O DESAFIO INTERPESSOAL DO TRABALHO REMOTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Maristela Pereira de Sousa Severo

O trabalho da Orientação Educacional se mostra’’ ainda mais essencial diante a atual situação. A pandemia com certeza trouxe um novo modelo de relação interpessoal de distanciamento o que para os alunos tem causado muito desconforto uma vez que é nas interações com seus pares que as aprendizagens acontecem sem contar que presencialmente é muito fácil fazer sondagens, detectar comportamentos e fazer as interferências necessárias.

A Orientação Educacional além de auxiliar o trabalho docente exerce a função de zelar pelo bom desenvolvimento pessoal de cada estudante. Partindo do pressuposto que a atuação do Orientador Educacional envolve entre outras a tarefa de acompanhar e intervir junto aos discentes e encaminhá-los, quando necessário, para especialistas; apoiar o processo de integração entre a escola, a família e a comunidade ensino; intermediar interesses e conflitos entre professores, alunos, direção e familiares; orientar os estudantes em seu desenvolvimento, considerando a formação de valores, atitudes, emoções e sentimentos, observe que são ações que requer o contato, ou seja, a interação, a proximidade entre os envolvidos. Mas como esse trabalho pode ser desenvolvido remotamente? Quais são as alternativas viáveis para proporcionar o acesso a esse atendimento?

A expressão da vez, neste contexto de pandemia, é “se reinventar”. Para o trabalho de orientação não é diferente. O qual está usando meios variados para chegar até o aluno. As redes sociais nunca foram tão requisitadas, acredito que estão sobrecarregadas no atual momento. Nesse sentido, é imprescindível que a escola dê o suporte para a equipe de Orientação Educacional para acompanhar os alunos em seu desenvolvimento pessoal mesmo que a distância, levando em conta suas emoções e seus sentimentos que estão ainda mais intensos devido a pandemia. O profissional responsável pela assistência também deve ajudar os professores a compreenderem o comportamento dos discentes, facilitando a mediação de demandas e conflitos.

Sabemos que o momento atual está extremamente delicado, se por um lado temos professores e toda equipe escolar buscando alternativas para garantir a educação lutando pela escolarização fora dos muros das escolas, essa que possui toda uma sistematização dentro do âmbito escolar, por outro lado temos estudantes e familiares em uma gama de todo tipo de vulnerabilidades. Todos nós, todo o planeta vive a mesma pandemia tornando-nos vulneráveis a vida humana, parece-nos contraditório entre o que é importante e necessário agora. As famílias dos estudantes já nos deixaram bem claro que lutam para sobreviver desde antes da pandemia e com ela então, aumentaram as batalhas, nós educadores (as) é que estamos insistindo para um movimento de caminhar sem deixar de esperar dias melhores, nós que estamos na peleja de mantermo-nos vivos, reagir contra o desmonte da educação que infelizmente enquanto o nosso tempo é dedicado a prestar uma aula ou ação de qualidade no que nos é possível e viável, outros em uma esfera maior e com a caneta na mão estão justificando males maiores para a sociedade e/ou categorias, porque a pandemia com certeza irá passar, mas os prejuízos emanados permanecerão.

Então, aqui entra um momento propício do docente/Orientador Educacional atuar, apresentando ações rumo ao que dizia Paulo Freire sobre ter esperança do verbo esperar no sentido de ir atrás, construir porque somos sujeitos históricos, não podemos ficar no contentamento de objetificação, assim sendo somente objeto do capitalismo, da crise sanitária, levando-os a conscientização da condição de objeto para sujeito também. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) diz que a esperança inerente ao ser, sem um mínimo dela não podemos sequer iniciar algo.

Nesse ponto iniciamos um movimento, uma atitude de continuar, um novo caminhar ou reinventar mesmo diante de muitas incertezas, contudo é também momento oportuno de aprimoramento das relações e aprendizado. Fazer do tempo de espera do fim da pandemia, um tempo para fazer, assim como Paulo Freire, que diante do exílio experienciado não se deu por vencido e sim com esperança:

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti; quem sempre espera na pura espera; vive um tempo de espera vá; por isto, enquanto te espero; trabalharei os campos e, conversarei com os homens; suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam; enquanto esperarei na pura espera; porque o meu tempo de esperar é um tempo de esperar é um tempo de que fazer; desconfiarei daqueles que virão dizer-me: em voz baixa e precavidos: é perigoso agir; é perigoso falar; é perigoso andar; é perigoso, esperar na forma em que esperas; porque esses recusam a alegria da tua chegada; desconfiarei também daqueles que virão

dizer-me; com palavras fáceis, que já chegastes; porque esses, ao anunciar-te ingenuamente; antes de denunciarem; estarei preparando a tua chegada; como jardineiro prepara o jardim; para a rosa que se abrirá na primavera.

A Orientação Educacional de acordo com OP, Orientação Pedagógica (OSE/DF, pg.59) “atua nos seguintes eixos: ações, implantação/ implementação da OE, ações institucionais, ações junto aos professores, ações junto aos estudantes, ações junto à família e ações em rede, nessa perspectiva percebe a dimensão do trabalho de atuação da OE”. O quanto a se realizar e a convicção da importância da subjetividade com conexões empáticas. Porém, o olhar fragmentado dos conteúdos e daqueles que historicamente foram conduzidos assim a fazerem dificultam muitas intervenções do OE, e não somente isso: remeto ao início deste texto ao dizer que a escola necessita dar condições para o trabalho da Orientação Educacional alcançar os estudantes.

E a escola necessita do apoio e condições estruturantes que nem nós mesmos o conhecemos ou que tenhamos conhecimento e informação ainda não visto, especialmente da área tecnológica, posto que se para nós as plataformas digitais (Google Meet, etc.) nos fascina e possibilita o mínimo de atendimento, vejo o quanto precisamos e necessitamos caminhar em tecnologias educacionais e ainda conscientizar nossos estudantes a não função alienante que nos torna facilmente vivenciar. Somente possível ver agora devido a necessidade imposta no momento atual. Olha o quanto tenho ouvido e aprendido com tantas *lives* via YouTube, o tão quanto rico e valioso o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nesse contexto de pandemia com o distanciamento social.

Os conteúdos escolares que se colocaram como principal e sua importância em cada matéria/disciplina curricular. Agora se remete ao conjunto de valores, emoções, habilidades como: empatia, felicidade, solidariedade, autoestima, paciência, autoconhecimento, responsabilidade, autonomia, dentre outros viabilizando a oportunidade de aprendizado para o trabalho interdisciplinar e o desenvolvimento das competências socioemocionais, porém um desafio a ser conquistado e contextualizado porque senão ficaremos somente na espera vá, no tempo oportuno, sem dialogar e sem conectar-se com as pessoas.

Diante da conectividade de redes tecnológicas com a conexão humana que pretendo trazer a minha relação interpessoal no âmbito familiar e profissional que se desmembra na emoção e sentimentos, isto é, não há como separá-la ou deixá-la no canto da casa.

Sou mãe de dois filhos, Maria Tereza Pereira Severo, 15 anos e Enzo Fernando

Pereira Severo, 6 anos e autista. Em tempo e espaço familiar, o qual exige-me pesquisa e estudar determinadas temáticas para elaborar o plano de ação exige-se tempo e concentração, dentre outros aspectos e desafios pessoais.

No espaço físico escolar eu tinha a grande potencialidade de garantia ou possibilidade do desenvolvimento de convivência e aprendizagem dentro das experiências. Contudo, trata-se de algo mais interno que exterior, este sendo fator estimulante e fortemente influenciador para as questões emocionais, a qual se encontra a flor da pele, evidenciado nos sentimentos diversos e quase que incontroláveis. Como lidar com as adversidades dentro de casa? Com relações interpessoais distantes?

Esse novo formato remoto parece-me levar numa desconexão ainda maior, ora me percebo querer me conectar com os estudantes/equipe escolar/familiares sem me conectar primeiramente a mim mesmo, a minha história, fragilidades, saindo da minha autenticidade. Querendo falar do medo, da ansiedade e propósitos sem antes domá-los em mim.

Ao buscar meios e estratégias para desenvolver o trabalho remoto, também me percebo na história de vida de cada estudante/família, isto é, nas fragilidades/vulnerabilidades emocionais que para a Orientação Educacional cabe-nos a desenvolver e praticar a escuta sensível e nesses momentos também nos falta as palavras sábias e poderosas de consolo para uma perda familiar ou outra situação. Com tantas incertezas não há palavras certas, simplesmente um processo de escutatória dos problemas sociais de estudantes e família.

Certa vez, ao realizar um acolhimento estudantil/familiar via telefone, uma mãe me relatou que não tinha como seguir com o acompanhamento escolar porque seu filho com deficiência quebrava o celular, nesse dia chorei junto com ela porque sei bem o que está mãe vivencia, pois também com meu filho experiencio isso neste exato momento que pelejo para escrever, meu filho grita, chora, corre, pula, busca perigo de machucar-se, e nos momentos mais calmos conversa sem parar, pede para ir para a rua andar de bicicleta, ir na quadra jogar bola, brincar no parquinho ou sentar com ele para ensiná-lo a brincar, 24h de vigilância e cuidado. Aqui novamente me anseio e frustro-me por não conseguir desenvolver com qualidade a função profissional, mãe, esposa...

Apresento abaixo dois textos/redações que trazem aspectos emocionais também com o tema: aulas online, de estudantes da rede pública de Goiás do Colégio Estadual da Polícia Militar Fernando Pessoa: “Minha experiência não tem sido das melhores nesse momento de

pandemia em que tenho que passar muito tempo em casa, sem poder passear, falar cara a cara com meus amigos. Já tem quase um ano e meio nessa situação lamentável.

Quanto aos estudos, não falta recursos tecnológicos, mas falta estrutura mental. As aulas são cansativas, eu acabo não aprendendo muita coisa, muitas atividades além dos novos conteúdos do ensino médio, fico sobrecarregada. Ainda tem o meu curso de inglês e a minha catequese, são muitas coisas para fazer em pouco tempo e sem relaxar, sem contar as obrigações de casa, por que tenho que ajudar meus pais. Vou ficar doida! Meus pais também não colaboram muito, sempre me cobram por tudo, recentemente, por que minhas notas abaixaram, aliás, por qualquer razão.

Eu me sinto estressada, dizem que não tenho motivos, que meu nome ainda não está no Serasa, mas penso que não sou uma adulta, meus problemas são diferentes, eu tenho todo o direito de estar estressada, minha mente não está suportando tanta coisa e minha produtividade diminui drasticamente. Antes do distanciamento, desse isolamento, eu tinha momentos para descarregar, agora, não.

Eu sei que quando tudo isso passar, eu nunca mais quero ter aula EAD de novo, depois dessa experiência prefiro muito mais as aulas presenciais, com meus amigos e professores ali em uma sala, muitas vezes quente e fedida depois da educação física, nunca pensei que sentiria tanta falta da escola.” (Maria Tereza)

“Final de janeiro, mais um início de ano letivo, mas dessa vez, on-line. Achei que iniciariamos presencial esse ano, porém a situação continuou difícil, impossibilitando o nosso retorno. Mesmo assim, ainda tenho bastante expectativa para esse novo ano, torço para que tudo ocorra bem.

No início das aulas do ano passado, estávamos todos animados para as novas experiências que viriam, mas, de repente, iniciou-se uma pandemia, tivemos que parar de ir à escola e começar um ensino remoto. Foi muito difícil no início, todos nós-alunos, professores e membros da comunidade escolar, tivemos que nos adaptar. Num momento de tantas incertezas, foi extremamente cansativo e exaustivo.

Por alguma razão, fiquei ansiosa para a famigerada “volta às aulas”, era uma nova chance de recomeçar e fazer dar certo. Estava disposta a mudar e melhorar em relação ao ano anterior. Não acho que as aulas on-line tenham sido ótimas para o meu rendimento escolar, mas graças a elas, pude aprender a ter mais responsabilidade e correr atrás dos meus objetivos.

Assim, vou me dando a chance de aprender mais a cada dia, porque sei que no futuro, colherei os resultados de todo o meu esforço que tive até aqui.” (Monalisa)

Observo o grau de responsabilidades e o desejo no encontro com o outro, a convivência com seus pares/colegas para o desenvolvimento de habilidades sociais/socioemocionais.

Assim o processo educativo se viabiliza para a construção coletiva das particularidades de cada estudante nos diversos espaços sociais.

Então, que tipo de comunicação e conhecimento estamos a oferecer aos estudantes que trazem à tona emoções e sentimentos? Na observância dos fatos com os atendimentos realizados, as emoções sempre estiveram presentes, contudo, parece nos que na escola não havia tempo oportuno para aprender a lidar com as emoções, por isso, repito que apesar da crise sanitária, dentre outras é um tempo oportuno para atuar e aprender para a vida inteira.

Boa parte dos orientadores educacionais foram convidados ou obrigatório para fazerem o curso Aprender Sem Parar específicos para nós ofertado pela EAPE (...). Sendo parte da formação estamos a vivenciar e aprender a comunicação não violenta de Marsheg Rosenberg, que apresenta como foco principal o exercício para a comunicação empática, comunicação com o coração comigo e o outro, identificando as emoções por meio da observação, sentimento, necessidade e pedido. Tendo aprendido neste curso e especialmente com a comunicação não violenta o quanto o conhecimento de nossas emoções/sentimentos faz-nos grandiosos e preciosidades da comunicação em que o fazer compassivo, a harmonia, o bem-estar coletivo estão invisíveis devido às estruturas dos sistemas, aqui fomos educados ora para manter e raramente postura emancipatória, lembro-me dos socioeducadores (privados de liberdade) sobre o poder do Estado que relativamente controla o ambiente, contudo, não se pode controlar pessoas ainda que presos, sua mente é livre, isto é, somos livres para fazer escolha.

Enfim, remeto-me novamente a preciosidade do tempo oportuno para a atuação do desenvolvimento do reconhecimento da natureza humana/compassiva existente em cada um de nós, de cada estudante e familiar. Os vários desafios não reconhecidos porque somos ignorantes a respeito. “Não reconhecemos a violência porque somos ignorantes a respeito dela” (Gandhi) Parafraseando: na comunidade primitiva as pessoas mantinham com maior facilidade a conexão humana o bem comum, com o desenvolvimento das cidades as pessoas mudaram o modo de viver refletindo no modo de pensar, da linguagem e no modo de usar o

poder, desse modo, se justificando em modelos punitivos ou recompensantes numa linguagem estática diferentemente da linguagem da paz. Assim, se faz valioso e importante a atuação do Orientador Educacional na busca de outras alternativas para mediar/resolver conflitos de várias ordens.